

Caleidoscópio Insular da Ilha dos Marinheiros na Lagoa dos Patos. Uma abordagem pelo Método de Bateson e Mead, na produção de flores para finados, pelos ilhéus

Carlos Leonardo Recuero1
[Descargar PDF] - [Descargar SWF]

Resumo: O presente texto apresenta uma incursão teórica-prática ao pioneirismo de Margaret Mead e Gregory Bateson, no que se refere a utilização de pranchas fotográficas para apresentar um estudo fotoetnográfico. Os dois modos de leitura, que abrangem a utilização de fotografias e as interpretações que elas podem oferecer são aqui discutidos. O texto corriqueiro é utilizado em pranchas subseqüentes, de forma a elucidar dados referentes as pranchas fotográficas. Com a utilização de modelos de John Collier Jr. e Luiz Eduardo Robinson Achutti, apresentamos um pequeno caleidoscópio da produção de flores para os finados. As possibilidades de leitura do trabalho realizado pelos ilhéus contempla que a leitura não seja apenas linear, mas que existam múltiplas possibilidades de compreensão daquela realidade, através da narrativa visual.

Palavras chave: Fotografia, fotoetnografia, narrativa, visual, etnografia.

1. Introdução

A abordagem deste artigo leva em conta a utilização do método de Bateson e Mead, bem como as pertinentes orientações de John Collier Jr. e de Luiz Eduardo Robinson Achutti, na utilização da fotoetnografia, como uma descrição narrativa visual da vida, dos costumes, da cultura, dos insulanos descendentes de portugueses e que habitam a maior ilha da Lagoa dos Patos. A Ilha dos Marinheiros.

O caleidoscópio de imagens apresentadas e ordenadas de forma narrativa, não pretende se sobrepor as palavras, as quais sempre agrupadas e ordenadas de forma a garantirem a formação textual de qualquer narrativa , são costumeiramente as mais utilizadas.

Visa-se com a fotoetnografia apresentar um novo texto, desta feita com uma alternativa repleta de riqueza, de observações, constatações, das quais, as palavras não podem conter. Um relato visual. Portanto, de forma análoga, se agrupam as imagens fotográficas, de jeito a constituírem uma nova narrativa, desta vez porém com a utilização de fotografias.

A poética da narrativa visual, de certa forma, ultrapassa a poesia e a musicalidade da oratória, descompassando a tradição da escrita e adotando a linguagem visual fotográfica como forma e com a mesma importância da linguagem escrita.

Não se tem a intenção de levantar bandeiras e nem mesmo de acirrar debates entre os defensores da textualidade da escrita e o potencial narrativo das imagens, em especial com o uso fotografia. Pretende-se apresentar este trabalho, que se utiliza de outros meios descritivos, do que os tradicionalmente utilizados e que procura conjugar o uso do tradicional com o novo.

As idéias e as imagens aqui apresentadas fazem parte de um trabalho de três anos junto aos ilhéus e são fruto de uma prática de pesquisa, onde o uso específico da fotografia nos trabalhos de campo e na própria pesquisa, tem sido a tônica dos procedimentos praticados, na narração fotoetnográfica de uma cultura isolada, até há pouco tempo do continente, por fatores econômicos, sociais e de ordem política.

O uso da fotografia ainda é uma prática insipiente, talvez devido ao desconhecimento e a ausência de habilidade na sua utilização, o que a coloca normalmente em segundo plano ou mesmo em anexos de trabalhos científicos.

A narrativa fotoetnográfica é algo novo. Todavia, se percebe nos meios acadêmicos como uma prática cada vez mais utilizada. De fato, conforme dados do professor Achutti,2 dos sessenta e cinco etnógrafos que defenderam suas teses em etnografia, desde 1977, vinte utilizaram a fotografia para ilustrar seus trabalhos, outros para realizar longas descrições de suas pesquisas e outros para referendarem e testemunharem suas experiência vividas em campo. Finalmente alguns apenas a utilizaram entre os textos narrativos. Portanto, é novo visto a quantidade de trabalhos produzidos até agora, e os que se valeram recentemente da sua maciça utilização.

O livro mítico de Bateson e Mead "Balinese Character"(1942), é sem dúvida, segundo Collier Jr., autor de "Visual anthropology: photography as a research method"(1967), o marco inicial da primeira e exaustiva pesquisa de conjugar texto e imagem em trabalhos científicos com a mesma importância.

Um Olhar Sobre a Ilha

A escolha deste local de trabalho e pesquisa recaiu sobre a ilha dos Marinheiros pelos motivos que agora se expõem. A ilha dos Marinheiros se encontra ao sul do Brasil, na Lagoa dos Patos, próxima à cidade do Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul.

A ilha fica distante do continente por cerca de 1.500 metros da cidade do Rio Grande, encontra-se a 32°.00'de latitude sul e 52°.6'de longitude oeste, tendo uma área de 39,28 km2. É de grande importância para a Região, sendo a maior e mais importante ilha, além do fato de ser muito fértil e um centro de produção de hortaliças, legumes e coleta de pescados para aquela cidade. A cidade do Rio Grande é a parte branca , ao sul, próxima a grande ilha que se observa no mapa acima.(fig.2). A importância da escolha da ilha está ligada a dois aspectos relevantes. O primeiro, diz respeito ao isolamento do qual a ilha sempre foi vítima, preservando uma cultura, costumes, hábitos e uma religiosidade, há muito desaparecidos no continente próximo. Ou seja, descortina uma comunidade intacta diante da globalização, que a tudo atropela e põe por terra, e possibilita um campo fértil para a pesquisa etnográfica da região, colonizada, principalmente por portugueses, e centrada naquele pequeno universo.

Em segundo lugar, a acolhida calorosa que se recebe dos ilhéus, enraizada nos velhos costumes e tradições portuguesas, apontaram a possibilidade de uma abordagem mais profunda e, conseqüentemente, viabilizaram um trabalho fotoetnográfico de qualidade.

Na ilha, se esta há quatro anos e ali se desenvolveram dois projetos, que se utilizam da fotografia como forma de pesquisa. O primeiro desenvolvido com três alunos em 1999/2000 e denominado de "Jeropiga da Ilha", contemplou uma abordagem de registros fotográficos e de aspectos culturais da ilha, e culminou com uma exposição fotográfica.

O segundo trabalho, de cunho mais científico, contempla a pesquisa com o uso de imagens fotográficas e as reações que tais imagens poderiam trazer para os próprios fotografados e, se as mesmas, poderiam influenciar a sua relação coj o cotidiano. Este projeto intitulado "Ilhéus de Açores na Ilha dos Marinheiros; um Estudo EtnoFotográfico para Construção da Identidade Social" e que conta com trinta alunos e dois colaboradores.

É deste projeto, o caleidoscópio apresentado, com a utilização do método de Bateson e Mead, para estudar a etnografia do insular. Mais precisamente, na produção de flores como alternativa econômica sazonal para complementar as parcas receitas obtidas em outras lides agrícolas.Este trabalho, é desenvolvido como forma de complementar o orçamento econômico familiar do ilhéu e, é relegado, em grande parte, à tarefa da mulher.

Fotoetnografia - Uma Narrativa Visual
Prancha I
1. Ao lado do galpão, onde a mulher trabalha, fica a plantação de flores.
2. As flores
3. A colheita no jardim é feita através da escolha de cada flor.
4. A colheita da flor, é feita uma após a outra.
5. A escolha das flores
6 Sobre os ombros, a mulher, com cuidado carrega a colheita.
7. O cuidado ao colher, é feito para cada flor.
8. Transportando as flores.
9. As embalagens, no galpão de serviço.
Prancha II
10. O Trabalho no galpão.
11. O homem, apenas observa, o que é relegado à mulher fazer.
12. Os arranjos
13. O galpão de serviço, cheio de flores.
14. A escolha para os arranjos.
15. O preparo para o acondicionamento
16. A flores prontas para o transporte e o comércio.
Prancha III
17. O trabalho do homem, é aquele onde prevalece a força.
18. Se habilidade, o homem mostra o buquê feito pela mulher, para venda.
19. O transporte marítimo, é relegado ao homem.
20. O transporte terrestre, também é atividade do homem.
21. Carregando o balaio.
22. Supervisionando o carregamento na caminhonete.
23. Descarregando o barco
24. Comprando um buquê.
25. Até no carregar as flores para homenagear um ente querido, se percebe a falta de habilidade com as flores.
1 2 3
4 5 6
7 8 9
10 11
12 13
14 15 16
17 18 19
20 21 22
23 24 25
Pranchas VII
26.Selecionando flores.
27.O cuidado na formação do buquê.
28.O trabalho feminino, envolve todas as gerações, e é um momento da conversa feminina.
29.O carinho e o cuidado com o trabalho da formação do buquê.
30.O buquê.
31.O balaio de flores pronto para o transporte, onde vai ser colocado o buquê pronto.
32.O homem observa, o galpão florido, e o serviço que a mulher faz.
Pranchas VIII
33.A banca, à frente do cemitério.
34. Aguardando os clien
35. Preparando os buquês para a comercialização
36.Na feira o buquê.
37. O trabalho da feira
38. A escolha do que comprar
39. O comprador pede opinião.
40. O carinho da escolha da flores e do seu carregamento pela compradora.
26 27
28 29
30 31 32
33 34
35 36 37
38 39 40

Reavendo as Palavras

Um caleidoscópio simples. Uma estruturação de um conjunto de imagens a fim de apresentá-las como uma narrativa visual. Não se apresenta uma etnografia de imagens, mas uma etnografia com imagens. A utilização de fotografias, no entanto, fortalece uma certeza, a qual já se acalentava há algum tempo. É diferente. É muito diferente observar a cena, fotografar a cena e depois ler a imagem registrada.

Outro aspecto relevante é a diferença alarmante entre os componentes da narrativa visual e a riqueza de elementos que proporcionam ao leitor e o registro, muitas vezes, árido, realizado através da escrita tradicional. Porém, ambas, são formas de transcrever uma realidade, no caso etnográfica e representativa do cotidiano do ilhéu, na elaboração das flores para as comemorações de finados.

A apresentação das pranchas e o fato de não conterem textos é intencional. Os textos, de forma complementar, encontram-se logo após as pranchas visuais, em pranchas textuais, e têm um caráter elucidativo sobre a imagem.

As fotografias apresentadas fazem parte do acervo elaborado de forma a apresentar a fotoetnografia3 , como uma forma de pesquisa científica e com propósitos de estabelecer um método para a sua realização de forma acadêmica.

Os vestígios registrados são parte de uma série de 1200 fotografias que mostram a arte de se fazer buquês de flores para os eventos de "Finados". Os galpões repletos de balaio de flores, exalavam um aroma especial, e as mulheres sentadas, entre as macegas, ou no chão, contam a velha tradição da Ilha a elas relegada. O doce trabalho da mulher, que se relata, permite observar a delicadeza do trato e, não só na confecção dos buquês, mas na forma como são colhidas as flores e o cuidado "maternal", a elas dispensados no carregar, no manuseio, e no seu acondicionamento.

Ao homem resta o trabalho braçal. O carregamento. O transporte até a comercialização. Porém, mesmo quando o faz, demonstra um "jeito estranho" no segurar, no apresentar o trabalho artesanal feito pela mulher.

Os significados deste caleidoscópio encontram-se no verdadeiro olhar de quem olha e VÊ ! Etnograficamente aqui está exposto um pouco do trabalho, da tradição, da sensibilidade feminina e da arte de trabalhar com flores. Aqui fotoescrevemos o outro, e narramos visualmente uma parte da história de suas vidas. Registramos fotograficamente o indizível.

As relações captadas e colocadas nas pranchas tentam estabelecer um fio condutor. Porém, o fio condutor do fotógrafo, pode não ser fio do leitor. Assim a lógica da narração tradicional, pode não ser seguida, quando da leitura visual, pois efetivamente a opção de olhar é uma decisão do leitor. Apenas temos uma certeza, e tomamos as palavras de Luiz Eduardo Robinson Achutti , "É preciso ainda aprender mais sobre como ter as fotografias". (Achutti, 2004:303)

Nota Técnica: Todas as fotografias foram realizadas com uma máquina Nikon D100, Digital, 6,1 megapixel, em baixa resolução. Foram utilizadas a sensibilidade Iso 400 e uma objetiva Nikkor, autofocus, F2.8. - 24/105mm.

Referencias Bibliográficas

ALVES, André (2004): Os Argonautas do Mangue. Editora Unicamp. Campinas.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson, (1997): Fotoetnografia, Um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano,lixo e trabalho. Livraria Palmarinha/Tomo Editorial Porto Alegre.

_____ (2004): Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Livraria Tomo Editorial/UFRGS editora. Porto Alegre.2004.

BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. (1962): Balinese Character. A Photographic Analysis. The New Academy of Sciences. Second print. USA.

COLLIER JR, John. (1973): Antropologia Visual: A Fotografia como Método de Pesquisa. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo.

FELDMAN-BIANCO, Bela & LEITE, Mirian L. Moreira (Orgs.) (1998): Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e video nas ciências sociais. Papirus Editora.Campinas. São Paulo.

Notas

1 Fotógrafo e jornalista, mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Católica de Pelotas. Pós graduado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas, pesquisador do Nupecom (Núcleo de pesquisas em Comunicação Social da UCPel) e professor da Escola de Comunicação Social da UCPEL, nos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas.

2 Luiz Eduardo Robinson Achutti.. Professor adjunto do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador do Laboratório de Antropologia Visual e Sonora no Mundo Contemporâneo da Universidade Paris & Denis- Diderot. Doutor em Antropologia Pela Universidade de Paris. Mestre em Antropologia Social pela UFRGS. É fotógrafo desde 1975.

3 Fotoetnografia. Termo cunhado pelo professor Luiz Eduardo Robinson Achutti